

ECOLOGIA DO POETA PANTANEIRO MANOEL DE BARROS EM POESIA COMPLETA

Elissandro dos Santos Santana (FNSL)
lissandrosantana@hotmail.com

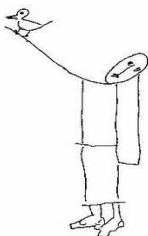
RESUMO

Este trabalho possui características ensaísticas e resenhistas, portanto, não se configura como um artigo acadêmico. É uma análise a partir de experiências leitoras do sensível sobre a obra *Poesia Completa* do poeta pantaneiro, Manoel de Barros, e sua correlação com as discussões hodiernas da Ecologia e do Meio ambiente. A própria produção literária do autor em questão, se analisada sem superficialidades, desponta como uma crítica ao fazer linguístico-gramatical engessado e normativo, convidativa a uma análise como a que se faz aqui, por meio de uma visão textual não científica, no entanto, sem perder a métrica séria que toda produção textual requer e comporta.

Palavras-chave: Poesia completa. Ecologia. Meio ambiente. Manuel de Barros.

Poema IV

Lugar mais bonito de um passarinho



Desenho
de Manoel de Barros⁸³

Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra.
Nas minhas palavras ainda vivíamos meninos do mato,
um tonto e mim.
Eu vivia embaraçado nos meus escombros verbais.
O menino caminhava incluso em passarinhos.
E uma árvore progredia em se Bernardo.
Ali até santos davam flor nas pedras.
Porque todos estávamos abrigados pelas palavras.
Usávamos todos uma linguagem de primavera.
Eu viajava com as palavras ao modo de um dicionário.
A gente bem quisera escutar o silêncio do orvalho
sobre as pedras.

⁸³ Imagem encontrada no site <http://www.elfikurten.com.br/2011/02/manoel-de-barros-natureza-e-sua-fonte.html>, com a informação de que o desenho é de autoria de Manoel de Barros.

Tu bem quiseras também saber o que os passarinhos sabem sobre os ventos.
A gente só gostava de usar palavras de aves porque eram palavras abençoadas pela inocência.
Bernardo disse que ouvira um vento quase encostado nas vestes da tarde.
Eu sonhava de escrever um livro com a mesma inocência com que as crianças fabricam seus navios de papel.
Eu queria pegar com as mãos no corpo da manhã.
Porque eu achava que a visão fosse um ato poético do ver.
Tu não gostasse do caminho comum das palavras.
Antes melhor eu gostasse dos absurdos.
E se eu fosse um caracol, uma árvore, uma pedra?
E se eu fosse?
Eu não queria ocupar o meu tempo usando palavras bichadas de costumes.
Eu queria mesmo desver o mundo. Tipo assim: eu vi um urubu dejetar nas vestes da manhã.
Isso não seria de expulsar o tédio?
E como eu poderia saber que o sonho do silêncio era ser pedra!

Barros (2010)

1. Introdução

A análise a seguir foi publicada, inicialmente, no Portal Ecodebate e, nesta oportunidade, ampliada para uma discussão mais profícua nos espaços acadêmico-literário-ambientais. Diante do exposto, antes de qualquer discussão acerca dos saberes ambientais presentes em *Poesia Completa*, é importante apresentar o que pontua Angélica Soares (2005):

Sabedores de que o Pensamento e a Literatura sempre estiveram voltados para o habitar humano em seu sentido mais profundo, nestes tempos de crise ambiental consideramos tornar-se imprescindível repensar a ecologia para além da mídia, através de uma radicalização conceitual, que livre os estudos ecológicos da setorização e da perspectiva tecnocrática. Isto porque estas têm sido, muitas vezes, responsáveis por uma redução desses estudos aos danos industriais, sem sensibilidade para a compreensão da Natureza em seu manifestar-se globalizante.

Para continuar o debate, é oportuno elencar que *Poesia Completa*, obra de Manoel de Barros, o grande poeta pantaneiro, está repleta de elementos que possibilitam ao leitor reflexões não somente no que concerne ao saber literário, mas, também, sobre as questões ambientais da

geografia e da ecologia pantaneira, bem como em torno da situação pela qual passa a natureza em outras partes do Brasil e do mundo.

A obra em baila, aliás, não somente esta, mas toda a produção literária deste poeta é um *locus* literário para se refletir acerca da beleza memorial que o meio ambiente proporciona ao planeta. Com isso, desponta como convite à consciência a outra lógica relacional homem-natureza.

Ademais, pode-se externar que diante da importância que possui a obra *Poesia Completa* e das crises ambientais mundiais da pós-modernidade, analisar a métrica poética de Manoel de Barros é um espaço para interlocuções necessárias com os saberes ecológico-ambientais.

2. Nuances e saberes ambientais na poética pantaneira de Poesia Completa

A literatura, por todos os saberes que comporta, também é uma esfera para interseções com o conhecimento ecológico e a poética de Barros corrobora tal inferência.

A obra em análise é um registro memorial que abre margem para estudos interdisciplinares no cruzamento literatura-ecologia. Como memorial poético, é reveladora não somente de uma linguística poético-pantaneira, mas de entre lugares ecológicos que servirão ao eixo diacrônico de análise das problemáticas ambientais do Bioma Pantanal. Nesse sentido, torna-se importante apresentar o que afirma Glotfelty (1996, p. XXVIII, *apud* SOARES, 2005) valendo-se de Rueckert sobre a energia e o poder da poesia:

Descrevendo um poema como energia armazenada, Rueckert explica que ler é uma transferência de energia e que críticos/as e professores/as agem como mediadores entre a poesia e a biosfera, liberando a energia e a informação armazenada na poesia de modo que ela possa fluir através da comunidade humana e ser traduzida em ação social.

Acerca dessa intersecção literatura-ecologia, é possível recorrer ao que afirma Leonardo Boff (2015, p. 19):

A ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. Nessa perspectiva, a ecologia não pode ser definida em si mesma, fora de suas implicações com outros saberes. Ela não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimento. Ela é um saber de saberes, entre si relacionados.

Por tudo isso, a maior lição, talvez, que se pode obter a partir desta obra é a necessidade de religação do homem com a grande Mãe Terra, haja vista que toda a poesia em torno desse livro é construída pelo entrosamento entre homem e terra como elemento central para a poética da vida e da existência.

No tangente à existência ecológica pantaneira na criação literária de Barros, é viável uma interlocução com o conceito de territórios existenciais de Félix Guattari (1989, p. 38-39) a partir do que Angélica Soares (2005) afirma:

Propõe-nos Félix Guattari, com sua ecosofia, que se construam “Territórios Existenciais” concernentes a modos de ser e ao corpo, como ponto de partida para vivências verdadeiramente ecológicas. Os “Territórios Existenciais” seriam espaços de ressingularização da experiência humana e, conseqüentemente, do surgimento de novas modalidades de valorização, que envolvem a subjetividade e a socialidade.

Esse saber ecológico que a obra *Poesia Completa* manifesta proporciona ao leitor noções significativas relativas a uma racionalidade ambiental essencial a outro paradigma de relação com o Planeta. Nesse sentido, pode-se levar em consideração mais uma vez o que Leonardo Boff (2015, p. 20) declara:

A ecologia dá corpo a uma preocupação ética, também cobrada de todos os saberes, poderes e instituições: em que medida cada um colabora na salvaguarda da natureza ameaçada? Em que medida cada saber incorpora o ecológico, não como um tema a mais em sua disquisição (*sic*), deixando inquestionada sua metodologia específica, mas em que medida cada saber se redefine a partir da indagação ecológica e aí se constitui num fator homeostático, vale dizer, fator de equilíbrio ecológico, dinâmico e criativo.

A partir de *Poesia Completa*, verifica-se que o processo de criação literária de Manoel de Barros sofreu influências de sua empiria e vida no Pantanal. Foi com base nas experiências do poeta que toda a poesia se costurou em coadunação com as cores locais do Pantanal. Pelo exposto, não é inconsistente sustentar que *Poesia Completa* e toda a obra do poeta carregam um saber local que serve como conexão para saberes mundiais, pois por meio da realidade pantaneira é exequível pensar a situação ecológica também em âmbito global.

O saber ecológico em diálogo com a poética de Barros, ou seja, a ecologia na intersecção com a literatura e criação literária, dialoga com o que afirma Enrique Leff (2010, p. 16):

O diálogo de saberes abre uma via de compreensão da realidade a partir de diferentes racionalidades; estabelece um diálogo intercultural a partir das

identidades coletivas e dos sentidos subjetivos, para além da integração sistêmica de objetos fragmentados do conhecimento. A complexidade ambiental não remete a um todo – nem a uma teoria de sistemas, nem a um pensamento holístico, nem a uma conjunção de olhares multirreferenciais. É, ao contrário, a ruptura da relação do conhecimento com o real para uma nova relação entre o real e o simbólico. Esta é a chave que desloca e transfere a prática teórica do estruturalismo para o reposicionamento do ser no mundo em relação com o saber. A interdisciplinaridade abre-se para o diálogo de saberes no encontro de identidades constituídas por racionalidades e imaginários que configuram as referências, os desejos e vontades que mobilizam os atores sociais para a construção de uma racionalidade ambiental; que ultrapassa relação teórica entre os conceitos e os processos materiais e a desloca para as relações de significação entre o real e o simbólico em uma política da diversidade cultural.

Em *Poesia Completa* constata-se que a região pantaneira foi matéria para a poesia do grande poeta do chão, pois através e, pelos olhos do Pantanal, Manoel de Barros produziu os *Poemas Concebidos sem Pecado*, o *Compêndio para Uso dos Pássaros*, a *Gramática Expositiva do Chão*, *Arranjos para Assobio*, *Livro de Pré-Coisas*, *O Guardador de Águas*, *Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave*, *Poemas Rupestres*, *Menino do Mato*, *Escritos em Verbal de Ave*, *Exercícios de Ser Criança*, *O Fazedor de Amanhecer*, *Cantigas por um Passarinho à Toa* e tantos outros.

Também é importante destacar que a poesia do referido poeta, além de ser reveladora de muitos saberes ambientais, contempla demandas sociais, geográficas, históricas, políticas, antropológicas, filosóficas e outras.

Em *Gramática Expositiva do Chão*, por exemplo, são muitas as reflexões que se podem fazer em torno das questões ambientais, discussões urgentes para um mundo em crise socioambiental. Na referida gramática, tem-se o *Protocolo Vegetal*, no qual o eu-lírico discorre acerca do que se trata o próprio protocolo, mencionando que é um episódio que possibilitou a descoberta de um caderno de poemas. Nessa construção poética pantaneira, segundo o eu-lírico presente na obra, *29 Escritos para Conhecimento do Chão Através de São Francisco de Assis*, *Protocolo Vegetal*, *Retrato do Artista Quando Coisa*, *A Criatura sem o Criador e Você É um Homem ou um Abridor de Lata*.

Nos 29 escritos para conhecimento do chão através de São Francisco de Assis, o eu-lírico, de forma simples e profunda, mostra a relação do homem com a natureza, desconstruindo a noção equivocada de que o homem estaria dissociado do meio ambiente, apresentando as interações, intersecções homem-bicho, bicho-homem, homem-bicho-natureza.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Alguns versos em *Gramática Expositiva do Chão* que retratam a interseção homem-bicho, bicho-homem, homem-bicho-natureza:

Em III, páginas 13, 15 e 16 dos 29 *Escritos para Conhecimento do Chão Através de São Francisco de Assis*:

O chão viça do homem
no olho
do pássaro, viça
nas pernas
do lagarto
e na pedra
Na pedra
o homem empeça
de colear
Colear
advém de lagarto
e não incorre em pássaro...
O homem se arrasta
de árvore
escorre de caracol
nos vergéis
do poema
O homem se arrasta
de ostra
nas paredes
do mar
O homem
é recolhido como destroços
de ostras, traços de pássaros
surdos, comidos de mar
O homem
se incrusta de árvore
na pedra
do mar.

Nos versos acima, o eu-lírico demonstra consciência de que na natureza tudo se integra, de que tudo é parte de um todo, arvorado na teoria da complexidade.

Em II. O homem de lata, o leitor depara-se com um eu-lírico crítico e cômico das transformações que o homem provoca na terra, mas, também, de forma esperançosa, que o homem, ao passo que destrói, também pode construir e cooperar com a natureza da qual se serve.

Fragmentos de "O Homem de Lata"

O homem de lata
arboriza por dois buracos
no rosto
O homem de lata
é armado de pregos
e tem natureza de enguia
...
O homem de lata
traz para a terra
o que seu avô
era de lagarto
o que sua mãe
era de pedra
e o que sua casa
estava debaixo de uma pedra
O homem de lata
é uma condição de lata
e morre de lata
...

Poesia Completa, de Manoel de Barros, por todos os saberes que abarca e revela, possui relação direta com o que afirma Barthes (1980, p. 18) em torno dos saberes e dimensão da literatura:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como *Robinson Crusoe*, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

Em *Poesia Completa* há essas passagens, do homem à natureza e vice-versa, das simbologias da cultura do povo local na construção da natureza do Pantanal e, em especial, do papel da natureza na construção do homem e da sociedade pantaneira.

3. *Intento de considerações finais*

A obra em questão é uma oportunidade para compreender o próprio papel da literatura na construção da sociedade e do meio ambiente no qual ela se insere.

Acerca da relação literatura, sociedade e meio ambiente, um livro bastante interessante e importante que ajuda a entender o que é a literatura e qual a sua importância para a sociedade é *Literatura e Sociedade*.

Nessa obra, no capítulo "A Literatura na Evolução de uma Comunidade", Antonio Candido (2011) tece algumas considerações que ajudam na compreensão não somente do termo literatura, mas, também, na concepção do que é o texto literário, quando pontua:

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação". Assim, não há literatura enquanto não houver esta congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

Cotejando-se o que apregoa Antonio Candido com *Poesia Completa*, de Manoel de Barros, para além das construções que o teórico acima faz em torno da relação literatura-sociedade, pode-se perceber que no processo de criação literária de Manoel de Barros, o poeta capta uma relação estreita entre o próprio fazer da literatura com o homem e a terra. Na obra em questão, humanidade, sociedade e natureza são tomadas como dimensões coletivas de um todo e a natureza é sempre o elemento central de partida para a construção do próprio homem que, ao habitar o Pantanal, o transforma, a partir das construções e empirias culturais no próprio lócus do qual faz parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. São Paulo: Leya, 2010.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: SOARES, Angélica. *Poesia e ecologia: um exercício crítico ecofeminista sobre o silenciamento das mulheres*. APEB.Fr, Passages de Paris 2 (2005) 260–272.

GUATTARI, Félix. Práticas ecosóficas e restauração da cidade subjetiva. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 116, p. 9-25, 1994.

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Angélica. *Poesia e ecologia: um exercício crítico ecofeminista sobre o silenciamento das mulheres*. APEB.Fr, Passages de Paris 2 (2005) 260–272.